

O discurso de Bernardo de Claraval e a ideologia cristã da Idade Média

Jaciara Ornélia Nogueira de Oliveira

Recebido 08, set. 2009 / Aprovado 25, out. 2009

Resumo

A ideologia da Idade Média é profundamente marcada pelo Cristianismo e, no século XII, Bernardo de Claraval é o seu mais ilustre representante. Assim, tomando como corpus os sermões “In laudibus Virginis Matris”, escritos em latim por Bernardo em torno de 1125, busca-se analisar, no seu discurso, a contingência do uso da linguagem como revelação da ideologia cristã do medievo. Objetiva-se, também, mostrar como Bernardo constrói o sentido do seu discurso articulando o léxico, a semântica e a intertextualidade com a Bíblia como fonte de argumentação para reforçar as “Verdades Inquestionáveis” do Evangelho e do Cristianismo, seus ritos, seus dogmas e sua liturgia. Conclui-se que na sua obra, influenciada por toda a sua atividade político-eclesial, está latente a visão da filosofia e do Cristianismo nesse período da Idade Média, acertadamente chamado “o século de São Bernardo.”

Palavras-chave: Bernardo de Claraval. Idade Média. Ideologia. Linguagem.

Introdução

A ideologia da Idade Média é profundamente marcada pelo Cristianismo e, no século XII, tem Bernardo de Claraval como seu mais fiel representante. Bernardo, monge, político-eclesiástico, filósofo, Padre e Doutor da Igreja, não se limitou ao testemunho silencioso, mas falou, pregou, escreveu. Sua obra, composta de sermões, tratados e cartas, é o testemunho da ideologia cristã da Idade Média e apresenta as controvérsias políticas e doutrinárias da sua época.

Desse modo, tomando como *corpus* os sermões *In laudibus Virginis Matris*, escritos em latim em torno de 1125, analisamos no discurso de Bernardo e, principalmente, nos momentos de intertextualidade com a Bíblia, a seleção do léxico e os processos semânticos articulados no uso do texto bíblico, com o objetivo de verificar as estratégias linguísticas mobilizadas na manutenção e/ou dispersão dos significados.

Para realização dessa pesquisa, utilizamos a versão latina dos sermões constante da edição bilingue latim/espanhol das *Obras completas de São Bernardo*, editada pela Biblioteca de Autores Cristianos-BAC em 1990 em confronto com os textos recolhidos na Nova Vulgata- *Bibliorum Sacrorum Editio*. Para efeito de tradução das frases arroladas como exemplos, utiliza-se a tradução feita por Ari Pintarrelli e editada por Vozes em 1999 com o título *Sermões para as festas de Nossa Senhora*.

Trata-se de quatro homilias, precedidas de um prefácio e arrematadas com um epílogo, que podem ser consideradas um breve e juvenil tratado de mariologia bernardina e que serviram de introdução aos sermões litúrgicos dos volumes III e IV. Cronologicamente, situam-se entre as primeiras obras muito próximas do seu tratado sobre a humildade e a pobreza. Essas homilias são também chamadas *Super Missus*, por causa das primeiras palavras do Evangelho: *Missus est Angelus Gabriel a Deo*.

A Idade Média e o Cristianismo

Oliveira (1997), na Apresentação à Edição Brasileira do Dicionário da Idade Média, afirma que as origens da Idade Média datam do final do Império Romano (começo do século V) e sua vigência histórica estende-se até o século XVI, quando se instaura a grande Renascença Italiana que ela preparou e a explosão da reforma protestante. Aliás, duas Renascenças assinalaram a Idade Média: a Carolíngia, no século IX, que promoveu a latinização dos povos germânicos e a sua conquista espiritual pela Igreja Católica, e a do século XII, quando se dá, nos mosteiros, a ressurreição dos estudos clássicos, fonte do humanismo europeu.

O Cristianismo, que outrora fora duramente combatido por Roma, começa a ganhar força no século III, quando o Imperador Constantino, em uma tentativa de salvar o Império do caos e da

destruição, o adotou como a religião oficial, julgando, certamente, que o controle ideológico-religioso pudesse ser uma solução para a situação político-econômica então vigente.

Com a crise econômica e as invasões bárbaras, muitos senhores romanos abandonaram a cidade e foram morar em suas propriedades de campo. Diante disso, os cidadãos menos abastados que não possuíam terras ofereceram àqueles a sua força de trabalho. Assim se prepara o chamado feudalismo, sociedade essencialmente rural. Os que possuíam a terra gozavam de liberdade, e os que não a possuíam viviam na escravidão.

A Igreja, nesse contexto, passa a ocupar um lugar de destaque, já que detém grande parte das terras da Europa Ocidental e acumula riquezas, fruto de doações dos grandes senhores, fiéis que julgavam poder obter a glória eterna e a complacência de Deus através da divisão de seus bens materiais com a Igreja, em forma de doações. Não só doações espontâneas como, também, a paga por missas que se perpetuavam além da morte. Em seus testamentos constava sempre uma parte da verba destinada à celebração de missas em favor da alma do defunto e da sua família *per omnia saecula saeculorum*. Além disso, não se pode esquecer de que os mosteiros detinham também o conhecimento, ou seja, a leitura e a escrita, não só pela intelectualidade dos seus monges, como também por suas bibliotecas.

Os mosteiros, nessa época, representavam a sobrevivência da cultura. Os monges beneditinos, animados pelo lema *ora et labora* (reza e trabalha), dedicaram-se não só à oração, mas também à cópia, à compilação, à tradução para o latim e ao comentário de coleções de obras antigas.

A Idade Média conhece não só o trabalho de preservação. Nela também ocorre um desenvolvimento institucionalizado que se vale da Igreja para a unificação da fé cristã, emprega a língua latina como língua universal que permite a comunicação entre as mais distantes regiões do mundo cristão. (ZILLES, 1996, p. 15)

Neste período, portanto, com o Cristianismo, irrompe-se uma nova era na história da humanidade, uma nova visão de mundo, uma nova maneira de pensar, baseada na revelação divina. A Igreja, com o poder moral, intelectual, econômico e espiritual nas mãos, disseminava pensamentos e ideologias que, cada vez mais, perpetuavam o seu domínio. Tudo isso reflete não só nos temas a serem trabalhados, mas também na própria linguagem.

Os pensadores cristãos dessa época são chamados “Padres da Igreja” por terem exercido uma espécie de paternidade doutrinária e espiritual em relação às gerações cristãs ulteriores. Na patrística predomina a atitude de fé em busca da razão, enquanto na Escolástica é a razão que sai em busca da fé.

A idade de ouro da escolástica é também um século glorioso para a retórica. Nela se admira o talento literário de Bernardo. Segundo Leclercq (1990, p. 114), um cisterciense anônimo, ao falar da “elegante elocução” de Bernardo, o qualifica como um novo Antônio para os monges e um novo Cícero para os oradores: “*monachorum Antonius et Tullius oratorum*”. Acrescenta ainda Leclercq que o livro sobre a *Arte de pregar* remete aos sermões de Bernardo como modelos de retórica: “nele tudo é artístico, tanto a composição quanto o estilo.”

O latim na Idade Média

Escrever a história de uma língua é traçar as mudanças que ela sofreu no tempo e no espaço, desde os seus mais antigos registros até os mais recentes. Uma língua falada está constantemente em estado de mudança, nunca é fixa ou estática, mas dinâmica. Assim nos diz Pereira (2004, p.9): “Todas as línguas faladas estão sujeitas à variação e à mudança, pois são sistemas linguísticos marcados pela heterogeneidade e com características sociais e históricas inerentes à sua própria constituição”. Também Ernout (1942, p.9) afirma:

Tant qu’une langue demeure vivante, sa syntaxe, de même que ses formes et son vocabulaire, ne cesse de se transformer d’une manière insensible d’âge en âge, [...] soit par suite d’un développement naturel et spontané, soit sous l’influence exercée par les grands écrivains.¹

Destinado a viver durante muito tempo como uma variedade em constante mudança, o latim adquiriu, no final do século I a.C., uma norma que, por meio de regras, de fato não-arbitrárias, é julgada clássica, no estilo da prosa, especialmente, mas também no verso. Inicialmente, reflete e é refletido, pelo caráter do povo romano, seu primeiro usuário, cujo império a fez universal.

Desse modo, podemos inferir que a história de uma língua não pode se desvincular da cultura do povo que a fala e, às vezes, torna-se difícil decidir onde termina uma comunidade linguística e começa outra. Entre as fases mais antigas e mais recentes do latim, não há, pois, uma língua de separação, mas uma continuidade.

Entre o latim clássico e as línguas românicas, existiu o latim literário da Idade Média. Sabemos ainda que, depois da queda do Império Romano do Ocidente, a unidade da língua falada começou a se romper, mas a unidade da língua escrita persistiu; o latim literário da Idade Média ocupa, pois, um lugar muito importante, principalmente porque representa um ponto de contato entre a língua popular e o padrão clássico.

A Igreja medieval é a grande força de coesão da Europa ocidental, depois da queda do Império, principalmente, quando da conversão dos bárbaros ao catolicismo, como afirma Maurer

¹ Enquanto uma língua permanece viva, sua sintaxe, assim como suas formas e seu vocabulário não cessam de se transformar de forma insensível de época em época [...] seja por causa de um desenvolvimento natural e espontâneo, seja sob a influência exercida pelos grandes escritores.

Jr. (1951). Isso ocorre, sobretudo, porque, fato de mais alta importância, a Igreja toda tinha uma só língua: o latim. Os Padres da Igreja, portanto, embora de nacionalidades várias, escreviam e proclamavam em latim os seus sermões, além de ser, também, o latim a língua que se falava na intimidade dos mosteiros.

De fato, nos diz Herrero (1981 p.149), “o latim do medievo é uma língua sem povo, sem comunidade linguística, porém apoiada na tradição de uma coletividade, como por exemplo, o latim litúrgico”.

O agente da latinidade medieval é a comunidade intelectual; mesmo nos séculos XII a XVI, em que algumas nações já dispunham de língua própria, todo homem culto falava e escrevia em latim, que era uma língua de superior riqueza em relação às incipientes línguas nacionais.

Assim nos diz Herrero (1981, p.155):

Gracias a su preponderancia didáctica y a su carácter escolar, el latin de la Edad Media aseguró una acción histórica que favoreció la unidad internacional y servió de vínculo a una obra civilizadora de la que se beneficiaron los pueblos europeos, impidiendo al mismo tiempo que la invasión germana hiciera desaparecer por completo la cultura romana.²

Como instrumento de uma cultura rica e dinâmica, o latim do medievo inova no vocabulário, na semântica, nos processos de sufixação, na composição e até na estrutura gramatical. Para Herrero (1981, p.157), o latim medieval não toma como modelo o latim clássico e purista da época de Cícero e do Império. A sintaxe é, em geral, simples, com preponderância da parataxe. Usam-se os tempos sem regras, dando, às vezes, a formas passadas o valor de presente e vice-versa.

Embora atinjam também a morfologia e a sintaxe, os aspectos mais significativos do latim cristão se encontram, naturalmente, no vocabulário, sejam exemplos *baptizare* e *diaconus*.

Segundo Palmer (1954, p.188), o latim cristão se caracteriza pela predileção de palavras extensas (*coronamentum*); diminutivos (*ovicula*); nomes abstratos em **-tudo** (*recitudo*); adjetivos em **-bilis** (*acceptabilis*); adjetivos em **-osus** (*meticulosus*); adjetivos em **-bundus** (*biliabundus*); verbos na primeira conjugação (*custodiare*).

É ainda Palmer (op. cit., p.188) que fala da confusão das circunstâncias *ubi* e *unde*, do emprego das preposições *de* e *in* com o ablativo instrumental, da utilização de *unus* como artigo indefinido, da substituição do acusativo com infinitivo por cláusulas introduzidas por *quod*, *quia* e *quoniam*, do emprego do modo indicativo no discurso indireto e do uso do gerúndio ablativo pelo participio presente.

A maioria dessas peculiaridades aproxima o latim cristão do latim falado, também chamado “latim vulgar”. O latim da Patrística, porém, herdeiro do latim clássico, tinha pontos de

² Graças à sua preponderância didática e a seu caráter escolar, o latim da Idade Média assegurou uma ação histórica que favoreceu a unidade internacional e serviu de vínculo a uma obra civilizadora da qual se beneficiaram os povos europeus, impedindo, ao mesmo tempo, que a invasão germânica fizesse desaparecer por completo a cultura romana.

contato, mas estava longe de identificar-se totalmente com o latim falado, até mesmo por seu caráter literário.

O latim eclesiástico ou cristão

É fato evidente que a Igreja, também do ponto de vista linguístico, exerceu uma função centralizadora, sendo o latim o principal responsável por esse tipo de ação, já que era a língua unificadora e universal da Igreja.

Depois da queda do Império Romano e das invasões germânicas, época do florescimento da Igreja com seus bispos, conventos, colonização monástica e peregrinação a Roma, a força coesiva da comunidade religiosa e da civilização cristã, que tinha a sua língua própria, o latim, funcionou como conservadora do pensamento romano e foi atribuída à cristandade uma importância muito grande como fator social, também, do ponto de vista linguístico.

Na própria Igreja, há, em termos de língua, um aspecto culto, outro, popular. O aspecto culto, representado pelos escritos de seus Padres e Doutores; o popular, utilizado nas celebrações por toda a comunidade cristã. A Igreja teve que levar em conta esse processo de modificação de sua língua oficial, principalmente nos atos litúrgicos, como batizados, casamentos e a própria missa. Assim, a Igreja, no Concílio de Tours (ano de 813), prescreveu, oficialmente, aos seus sacerdotes o uso da língua popular, da chamada *rustica romana lingua*.

A primitiva mensagem cristã se formulou na *Koiné* grega; essa foi, portanto, a língua ecumênica do Cristianismo em seus começos. A *Koiné* era, por assim dizer, uma língua internacional. Também, nos primeiros anos do Cristianismo, a língua oficial da liturgia será o grego. O Concílio de Niceia, no ano de 325, é um concílio bilíngue, com textos originais escritos em grego. Só no meado do século IV se dará a entrada do latim. Porém, apesar de ser o grego a língua oficial e litúrgica, coexistia a língua latina falada pelo povo, o chamado latim vulgar. Entenda-se latim vulgar como a modalidade oral da língua latina, usada na fala das populações de todas as classes e regiões, assim como em textos sem pretensão literária. Não era, pois, uma língua unitária, já que se diversificava em dialetos sociais e regionais.

Desse modo, podemos entender que o latim cristão em seus começos seja formado por uma mescla linguística de diversos elementos: termos gregos, neologismos, hebraísmos, vulgarismos, e tenha uma morfologia e sintaxe simplificada.

Segundo Strecker (1948, p. 16), é da Bíblia e dos escritos dos Padres da Igreja que provém a maioria dos nomes gregos que se encontram no latim medieval. Aliás, a influência da Igreja na Idade Média não se limita ao domínio da língua: toda a Idade Média se reveste com seu signo.

Et l'immixtion de l'Eglise ne se limite pas seulement au seul domaine de la langue; Le moyen âge tout entier vit sous le signe de l'Eglise qui impose son caractère dans tous les domaines et qui marque son empreinte jusque dans la littérature profane : on retrouve partout son influence, dans la prose comme dans la poésie et non le moins là où est parodiée. (STRECKER, 1948, p. 16)³

Inicialmente, o latim usado pela Igreja estava mais próximo da variedade vulgar, porém, através dos escritos dos Padres e Doutores da Igreja, embora se tente uma maior aproximação com o povo, essa norma eclesiástica manteve um contato muito íntimo com o latim literário. Há que se distinguir o latim dos rituais católicos, usado na liturgia, e o latim dos escritores cristãos, cujos sermões eram escritos, burilados e revisados, pois “é ao mundo inteiro e àqueles que estão por vir que seus textos se dirigem.” (OLIVEIRA, 2004, p. 41). Certamente, não nos chegou às mãos a forma livre e espontânea com a qual eles se dirigiram aos seus monges e aos cristãos, em geral, durante a proclamação desses sermões. Alguns sequer foram pronunciados, inclusive os sermões *In laudibus Virginis Matris*, que servem de *corpus* para a nossa pesquisa. A esse respeito Oliveira (2004, p. 44) afirma:

O fato de Bernardo colocar sobre forma de homilia, com estilo oral esse texto que não se destinava ao púlpito é um artifício literário e revela a intertextualidade desses escritos com outros sermões pronunciados por ocasião das festas no momento em que guarda as características formais ou estruturais do gênero.

Bernardo no contexto da Idade Média

Bernardo, Padre e Doutor da Igreja, exerceu grande influência do ponto de vista político-eclesiástico, cultural, religioso e literário na Idade Média, constituindo-se em um marco do século XII, acertadamente chamado “O século de São Bernardo”. Quando nasceu, em 1090, o Ocidente se encontra em plena evolução: a sociedade se transforma e a Igreja se renova.

Bernardo herdou do pai o temperamento nobre e foi educado como um cavaleiro. Logo cedo (1098), foi enviado a frequentar a escola dos cônegos da Igreja de Saint Vorles, onde recebeu educação rígida, tendo sido instruído nas artes, nas letras e nos clássicos latinos.

Com 16 anos, perdeu a sua mãe, Alette, cujo exemplo de virtude muito contribuiu para o bem espiritual de Bernardo. A lembrança da criação austera que dela recebera, de sua fiel observância à lei evangélica foi, decerto, um impulso para a grande opção de Bernardo pelo “deserto”, imagem beneditina que significa “viver só para Deus”.

Com pouco mais de vinte anos, ingressou na Abadia de Cister, que nessa época vivia momentos de dificuldades, junto com quatro irmãos e vinte e cinco amigos, todos, sem exceção,

³ A ingerência da Igreja não se limita apenas ao domínio da língua; A Idade Média inteira vive sob o signo da Igreja que impõe a sua característica em todos os domínios e que impõe a sua marca até na literatura profana: encontra-se por toda parte sua influência, tanto na prosa quanto na poesia não menos onde ela é imitada.

nobres, “a flor dos homens de armas do Duque de Borgonha”. Foi alegremente recebido pelo Abade, Estevão Harding, que exclamou: “*Bernarde, ad quid venisti?*”, ‘Bernardo, a que viestes?’, pergunta que Bernardo repetia de si para si a todo momento, quando alguma dúvida o assaltava.

Quando começa a atuar e a escrever, no primeiro quarto do século XII, a Igreja vive uma grande renovação a cargo dos monges de Cluny: a reforma gregoriana, que vem restabelecer a ordem na sociedade cristã do Ocidente.

Além de toda atividade político-eclesiástica, o monge de Claraval escreveu abundantemente. Com seu estilo, ao mesmo tempo doce e ardente, recebeu do papa Pio VIII, em 1830, o título de *Doctor Mellifluus*, por causa da fluidez do seu estilo que “escorre como favo de mel” e por seus escritos sobre Maria, o de *Doctor Marianus*. Os textos do século XII já o chamam “servidor e cantor, devoto da Virgem”. Aliás, segundo Murad (2004, p.14) a Idade Média presencia o crescimento da piedade marial, que culmina com o Tratado da Santíssima Virgem (sermões *In laudibus Virginis Matris*), escrito por São Bernardo de Claraval, e considerados por Merton (1958, p. 44) como uma das mais belas páginas saídas da perna de Bernardo.

Bernardo, dizem, foi o “último dos Padres”, mas, certamente, não menor que os primeiros. Não obstante monge, voltado para a meditação e o recolhimento, Bernardo, ultrapassando o plano espiritual, penetra no âmbito político e participa ativamente das controvérsias de sua época. Com traços muitas vezes antagônicos, Bernardo dizia de si mesmo: “Eu sou como a quimera do meu século: nem clérigo nem leigo”.

Toda a sua atividade político-ecclesial foi, sem dúvida, condicionada à situação histórica do momento, quando os povos europeus adquirem, pouco a pouco, sua fisionomia nacional. Do ponto de vista religioso, assiste-se à supremacia e à dominação da Igreja Católica da Europa. Porém essa dominação não foi sem crises; doutrinas filosóficas ameaçaram, com frequentes vezes, a autoridade da Igreja. Bernardo investe com veemência contra aqueles que considera nocivos ao reino de Deus. Ele possui uma imensa riqueza de sentimento, mas não é isso que determina o seu caráter nem caracteriza a sua obra.

O discurso religioso é, por si só, um discurso autoritário: comenta e/ou desenvolve verdades inquestionáveis cujo locutor único é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e Todo-Poderoso. Os homens, pregadores, são os seus locutores interpelados, os seus espelhos, os seus reflexos. Desse modo a voz do padre, do pregador ou qualquer representante seu é a voz de Deus.

De onde nos fala Bernardo? Torna-se necessário esclarecer, então, que Bernardo fala com o poder da Igreja, como seu representante maior, como Abade de Claraval, Padre e Doutor: “*Doctor*

Melifluus” e “*Doctor Marianus*”. Fala para um auditório que inclui monges e cristãos comprometidos, por opção de fé, a seguir os caminhos ditados pelo Evangelho, pelo Locutor único: Deus.

Ora, a ideia segundo a qual a eficácia da palavra está ligada à autoridade do orador atravessa disciplinas. Segundo Perelman (1999, p.10), o poder das palavras deriva da adequação entre a função social do locutor e seu discurso: o discurso não pode ter autoridade se não for pronunciado pela pessoa legitimada a pronunciá-lo em uma situação legítima, portanto, diante de receptores legítimos. É assim com o sermão. Consiste na autoridade exterior de que goza o locutor.

Bernardo aparece, pois, como “um porta-voz autorizado”. Ele só pode agir sobre seu auditório pelas palavras porque sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo de quem ele é o superior e do qual ele é o fiel representante e intercessor diante de Deus. Nas suas próprias palavras, é preciso que se busque a perfeição nesse dizer.

Léxico e ideologia na obra de Bernardo de Claraval

A índole própria de um texto depende, entre outras coisas, do léxico do qual o autor dispõe, desse modo entende-se que a seleção do léxico, a predileção por determinadas palavras e, até, por determinadas categorias de palavras podem conduzir à compreensão dos principais relevos do texto e à caracterização da obra. Um olhar sobre o léxico nos sermões *In laudibus Virginis Matris*, nos quais Bernardo desenvolve a perícopes da Anunciação em Lucas, tecendo louvores à Virgem Maria, poderá nos fazer adentrar no universo do discurso religioso e descobrir como a escolha de determinadas palavras pode ser uma marca reveladora do próprio Cristianismo. Pode-se ainda explicar como Bernardo constrói o sentido de seu discurso, articulando o léxico como fonte de argumentação para reforçar as verdades do Evangelho e ratificar a ideologia cristã que envolve a Virgem Maria no mistério da encarnação.

Não podemos esquecer que a cultura da Idade Média era substancialmente eclesiástica, marcada profundamente pelo Cristianismo, e o latim da Igreja é já um latim modificado sob influência popular. Porém, se esse latim perde, por um lado, as sutilezas do Classicismo, aproximando-se da estrutura linguística popular, por outro, ele se conserva mais rico, tanto no léxico como na estrutura gramatical. Há de se notar, também, que, para os autores cristãos da Idade Média, especialmente para Bernardo de Claraval, a língua latina não era a língua materna, mas a língua adquirida na escola, com toda a perfeição formal e a virtuosidade técnica. É verdade que a profundidade desse estudo coloca o latim para ele como segunda língua, uma língua que guarda as peculiaridades da norma e do léxico aprendidos na escola, mas, também, as “mazelas” do falar e do escrever

cotidianos, como acontece aos escritores cristãos desse período, para os quais a prática de falar o latim nas dependências dos mosteiros era comum.

Ao comentar, nos sermões *In laudibus virginis matris*, a perícope da Anunciação em Lucas, Bernardo enfatiza o mistério que envolve as palavras, quando diz: *“Plenna quippe sunt omnia supernis mysteriis, ac caelesti singula dulcedine redundantia”*. ‘Na verdade, todas essas palavras estão cheias de profundos mistérios e cada uma delas derrama celeste doçura’. Essa afirmação nos sugere serem as palavras passíveis de variadas conotações semânticas.

Ora, o significado dos vocábulos, frases e partes de um texto é substancialmente determinado pela ideologia e pelo contexto, logo a perícope é importantíssima na progressão temática do próprio Evangelho. Quando Bernardo se propõe desenvolver a perícope da Anunciação em Lucas, tem em vista a amplitude dessa revelação para o desvendar do próprio mistério da Encarnação.

Althusser (1974) dá como exemplo da estrutura formal de qualquer ideologia a ideologia religiosa. A ideologia determina o espaço de sua racionalidade pela linguagem, e a religião constitui um domínio privilegiado para se observar o funcionamento da ideologia, dado o lugar atribuído à palavra. Orlandi (2006, p.252) afirma que o poder da palavra na religião é evidente: Deus é a palavra (*verbum*) *“Verbum caro factum est”* ‘e o verbo se fez carne’. Deus institui, interpela, ordena, regula, salva.

A frase que em português e em quase todas as versões da Bíblia se traduz por ‘a Deus nada é impossível’ vem do texto latino da vulgata: *Quia non erit impossibile apud Deum omne verbum*, que traduzida literalmente quer dizer ‘porque a Deus nenhuma palavra é impossível’. São Bernardo tem diante de si o texto latino da vulgata e o interpreta de forma literal, jogando com os termos *verbum*, para indicar Cristo, o Verbo, a palavra de Deus, e *verbum*, que não é só a palavra falada, mas também a palavra que age:

- *Quali enim illi verbum impossibile poterit esse, quia omnia fecit in verbo?*

De fato, como poderia haver alguma coisa impossível para aquele que tudo fez por meio da palavra?

- *Siquidem apud Deum nec verbum dissidet ab intentione, quia veritas est, nec factum a verbo quia virtus est, nec modus a facto, quia sapientia est, ac per hoc erit impossibile apud Deum omne verbum.*

Realmente, para Deus a palavra não contraria a intenção, porque ele é a verdade; nem o fato difere da palavra, porque ele é o poder; nem a maneira difere do fato,

porque ele é a sabedoria. E, por isso, a Deus nenhuma palavra é impossível.

Sabemos, também, por Orlandi (2006, p.242), que o discurso religioso é aquele em que fala a voz de Deus por meio de seus representantes autorizados; esse discurso estabelece, através da palavra, a relação entre dois mundos: o temporal/material e o espiritual, e revela verdades universais e eternas. Assim, as palavras servem, nesses sermões de Bernardo, para marcar o lugar da ideologia cristã da onipotência divina e estabelecer a ponte com a submissão humana, na medida em que exorta os cristãos a terem os ouvidos atentos e desejosos da palavra do Evangelho. A esse respeito, Perelman e Obrechts-Tyteca (2005, p.186) afirmam: “Na linguagem hierárquica as fórmulas se tornam rituais, são escutadas dentro de um espírito de comunhão e submissão total.”

- *Ut nam et nunc Deus emittat verbum suum et liquefaciat ea nobis perflet Spiritus eius et fiant nobis intelligibilia verba evangelica.*

Oxalá também agora Deus profira a sua palavra e esparja sobre nós os seus perfumes; sobre nós o seu espírito e nos torne compreensíveis as palavras do Evangelho.

É Deus que, através do seu mediador divino, o anjo, toma a iniciativa: anuncia que virá uma criança importante para contribuir no processo de libertação do povo. Na ordem espiritual, portanto, é Deus que profere a sua palavra e, na ordem temporal, essa relação com o sagrado se faz, nesse caso, através das palavras de Bernardo.

A escolha de nomes próprios e a ideologia cristã

Sem conhecer o significado da palavra não é possível conhecer de modo unívoco o significado do texto e vice-versa: *Vox significat mediantibus conceptibus* ‘A palavra significa por meio dos conceitos’.

Ora, o tema do significado dos nomes próprios da Bíblia ocupou lugar de relevo na ideologia cristã da Idade Média, na medida em que possibilitava uma compreensão mais profunda da Escritura.

Para nós, hoje, o nome de uma pessoa é dado por mera convenção ou moda, na Idade Média, porém, a etimologia do nome próprio era importantíssima e perpassava todas as escolhas na Bíblia. A escolha do nome obedecia a determinados critérios, segundo Lauand (1998, p 54), entre os quais: alguma propriedade da pessoa, o parentesco ou a etimologia. Os nomes impostos por Deus a alguns homens sempre retratam algum dom, como em Mt 16, 18: *Et ego dico tibi: Tu es Petrus, et super*

hanc petram aedificabo Ecclesiam meam. ' E eu te digo: Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja'.

Ora, a pregação e a exegese medievais eram afeitas à alegoria, à mística, às interpretações espirituais e à análise etimológica. Bernardo não deixa de acompanhar essa ideologia e, nos sermões como, aliás, em toda sua obra, vai buscar no *Liber interpretationis Hebraicorum nominum* de São Jerônimo explicações aplicadas ao contexto do Evangelho:

- *Ait itaque: Missus est angelus Gabriel a Deo. Non arbitror hunc Angelum de minoribus esse, qui, qualibet ex causa, crebra soleant ad terras fungi legatione, quod et ex eius nomine palam intelligidatur, quod interpretatur Fortitudo Dei dicitur. [...]excepto dumtax archangelo, qui utique tantae inter inter suos venire potuerint excellentiae, ut tali et nomine dignus haberet, et nuntio.*
- Diz, pois: o anjo Gabriel foi enviado por Deus (Lc. 1,26) Não creio que esse Anjo seja um dos menores que, por algum motivo, frequentemente costumam ser enviados à terra com uma mensagem; isso se deduz do seu nome que significa "Força de Deus. [...] exceção feita, naturalmente, ao arcanjo Gabriel cuja dignidade entre todos os anjos, era tanta que Deus o julgou digno de tal nome e tal mensagem." (1º. sermão p. 29)
- *Nec discordat nomen a nuntio. Dei quippe virtutem Christum quem melius nuntiare dicebat, quam nunc, quem simile nomen honorat?*

Aliás, o nome concorda com a mensagem. De fato, quem mais indicado para anunciar Cristo, que é poder de Deus senão ele que traz o mesmo nome?

- *Nazareth interpretatur flos.*
Nazaré significa flor.
- *Unde et Nazareth civitas galilaeae dicitur, id est transmigrationis [...]*
Por isso também se diz que Nazaré é uma cidade da Galileia, isto é, da passagem.
- *In fine autem versus: Et nomen, inquit, Virginis Maria, loquamur pauca et super hoc nomine, quod interpretatur "Maris Stella" dicitur, et Matri Virgini valde convenienter aptatur.*

O fim do versículo, porém, diz: E o nome da Virgem era Maria. Façamos um pouco também sobre esse nome, que significa "estrela do mar" e se adapta muito bem à Virgem Mãe.

E Bernardo completa: “De fato ela é comparada a uma estrela, porque assim como a estrela emite seu raio sem se alterar, da mesma forma, a Virgem deu à luz o Filho, sem ferir a sua integridade. O raio não diminui o brilho da estrela, nem o Filho, a integridade da Virgem”.

Comprova-se, mais uma vez, a importância de Maria na história da Encarnação e ressalta-se a ideologia cristã de sua virgindade.

Mas o destaque para a escolha do léxico concentra-se especialmente no mistério da Encarnação. Que palavras utiliza Bernardo para descrever a fecundação em Maria?

Sem contar com a profusão de adjetivos com os quais glorifica a figura de Maria (admirável, venerável, imaculada, intacta, prudentíssima, fiel, poderosa, amável, forte, humilde), que depois passam a compor as exortações da Ladainha em seu louvor, Bernardo opta por um léxico diretamente ligado aos fenômenos da natureza, entendidos como espontâneos, livres, naturais. Assim também deve o cristão entender a fecundação da “Virgem”, fecundação realizada por obra e graça do Espírito Santo. Bernardo utiliza largamente a metáfora botânica para consolidar o argumento da espontaneidade, do surgir natural que perpassa toda a criação do mundo, relatada no Gênesis, e que se reflete na fecundação de Cristo, concebido pelo dom do Espírito Santo:

- [...] *quando rorantibus caelis desuper nubibusque pluentibus iustum, aperta est terra, laeta germinam salvatorem*

[...] pois, enquanto os céus rorejavam do alto e as nuvens choviam o justo, a terra se abriu alegre para germinar o Salvador.

O emprego das palavras *rorejar* e *chover*, usadas metaforicamente, nos induz à imagem do mistério da encarnação: os céus espalham gota a gota os dons de Deus e as nuvens fazem chover a justiça, ou seja, fazem descer sobre a terra a graça do Espírito Santo. Por outro lado, a terra incorpora as qualidades de fertilidade e virgindade que a ideologia cristã atribui à Maria. Sem esquecer, ainda, a metonímia de *justo* por *justiça*.

E Bernardo insiste sempre na ideia da flor: a flor murcha para dar lugar ao fruto, da mesma forma todos os símbolos do antigo Testamento dão lugar à verdade do Evangelho:

- *In Nazareth ergo nuntiatur Christus nasciturus quia in flore speratur fructus processurus.*

Portanto anuncia-se que Cristo há de nascer em Nazaré, porque na flor está a esperança do fruto que virá.

Na ideologia cristã católica, a virgindade de Maria ilumina a questão sobre quem é o ser humano diante de Deus; um terreno

virgem, pleno de possibilidades, onde tudo pode acontecer. A força simbólica da virgindade é, no sermão de Bernardo, representada pela terra virgem e inexplorada, cheia de viço para ser fecundada pela semente do amor. Recebendo no seu seio o filho de Deus, Maria é como a própria terra, já que, simbolicamente, representa toda a humanidade que irá receber o Salvador. Maria é a própria terra que se abre, alegre, que se encontra totalmente disponível e rejubilante para acolher, para fazer brotar no seu seio o Salvador.

O que se diz de Bernardo de Claraval é que ele “pensa como a Escritura e fala como a Escritura”. Lendo São Bernardo, tem-se a impressão de que a Bíblia penetrou tanto no seu interior, que os textos, longe de serem um ornamento estilístico, lhe vêm naturalmente ao espírito; no entanto, o monge de Claraval não se torna dependente do texto que utiliza, mas, ao contrário, desenvolve um pensamento que se torna seu. Possuidor de um conhecimento preciso, amplo e profundo do texto sagrado, entrega-se a essa tarefa de uma maneira bem original, utiliza-se do matiz que pede o contexto e, ao mesmo tempo, ratifica o seu estilo, no qual “as palavras escorrem como “favo de mel”. Dominando a língua latina, escreve com elegância e estrutura o pensamento num discurso bem ordenado, brinca com as palavras e os sentidos, joga com a sinonímia, a paronímia e a polissemia, trabalha com as flexões de nomes e verbos, transita entre o que a palavra significa e como significa. Enfim, observa-se que Bernardo lança mão de variados procedimentos de expressão bíblica, ora esgotando todos os significados, multiplicando sentidos, e incentivando a polissemia, ora comentando a etimologia, ora, ainda, concentrando-se numa palavra-chave que se converte no tema principal. Outras vezes também, muda ou retira uma letra (*caritas* por *claritas*) ou uma sílaba ou, até, escolhe uma palavra parônima, (*aemulemur* por *epulemur*), enxerta uma frase bíblica em outra similar, ou modifica uma citação qualquer deslizando de uma ideia para outra, permitindo-se contra-sentidos voluntários sem, no entanto, deixar que se perca a identidade do texto original. Bernardo trabalha o texto das Escrituras e de outros escritores cristãos como se fossem seus, mas o faz com a autoridade de um Doutor da Igreja que manuseia as palavras e os sentidos com a fidelidade de um profeta e a criatividade de um exímio conhecedor da língua e de seus trejeitos. Bernardo faz aflorar vários discursos não só da Bíblia, mas dos padres da Igreja, apropriando-se deles como se fossem seus, modificando-lhes o sentido, criando uma nova conotação semântica. Conclui-se que os processos semânticos utilizados encontram-se artisticamente calculados, de modo que usa tais artifícios sem jamais excluir a espontaneidade e sem perder a identidade do texto bíblico original.

Considerações finais

Bernardo revela-se, nesses sermões, *In laudibus Virginis Matris*, um habilidoso artesão da palavra de Deus. Costura as palavras sobre o tecido do Evangelho de Lucas, juntando-o com outros retalhos presentes ao longo do discurso bíblico e, seja pela riqueza de verbos, pela abundância de verbos *dicendi* que instauram a relação de ação e autoridade da palavra divina: *Verbum caro factum est*” ‘e o verbo divino se fez carne’, seja pela interpretação dos nomes ou, ainda, pela utilização de formas raras que contrastam com palavras simples do léxico da botânica, Bernardo consegue revelar o elo entre o terreno e o divino, manuseando o léxico e fazendo dele a forma mágica de chegar ao seu auditório e despertar o compromisso com a ideologia marcada pelo Evangelho.

Enfim, Bernardo faz das palavras a sua melhor forma de argumentação e das suas frases verdadeiras máximas da vida cristã.

Abstract

The Middle Age ideology is profoundly marked by Christianity and, during XII, Bernardo de Claraval is its most distinguished representative. Therefore, taking as corpus the preaches In laudibus Virginis Matris, written in Latin by Claraval around 1125, this paper tries to analyze, in his speech, the contingency of the use of language as the medieval Christian ideology revelation. Also, this research focus on showing how Claraval builds the sense into his speech by articulating the lexicon, semantics and the intertextuality with the Bible as the argumentation source to reinforce the “Unquestionable Truths” of the Gospel and of Christianity, its rites, its dogmas and its liturgy. It is concluded that in his works, influenced by his entire politics-ecclesiastic activity, it is latent the vision of the philosophy and of Christianity in the Middle Age period rightfully called “the century of Saint Bernard.”

Keywords: Bernardo de Claraval. Middle Age. Ideology. Language.

Referências

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Trad. J. J. Moura Ramos. Lisboa: Presença/Marins Fontes, 1974.
- BERNARDO DE CLARAVAL, (São). *Sermões para as festas de Nossa Senhora*. Introdução, tradução e notas de frei Ary Pintarelli. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ERNOUT, A. *Syntaxe latine d'après les principes de La grammaire historique*. Paris: Klincksieck, 1942.
- HERRERO, V. J. *Introducción al estudio de la filología latina*. 2. ed. Corregida e aumentada. Madrid: Gredos, 1981.
- LAUAND, L. J. *Cultura e educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LAUSANA, S. A. S. *Bernardo de Claraval: homilias marianas*. Buenos Aires: Claretiana, 1980.
- LECLERQ, J. *San Bernardo monge y profeta*. Madrid: BAC, 1990.
- MAURER JR., T. H. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo: SBD-FFLCH-USP, 1951.
- MERTON, T. *Bernardo de Claraval: o último dos padres da Igreja e a encíclica "Doctor Melliffuus"*. Petrópolis: Vozes, 1958.
- MURAD, A. *Maria, toda de Deus e tão humana*. São Paulo: Siquem/Paulinas, 2004
- Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum Editio*. Editio typica altera. Roma: Vaticana, 1986.
- OBRAS COMPLETAS DE SÃO BERNARDO. Edición bilíngue, preparada por los monjes cistercienses de España. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1983.
- OLIVEIRA, H. F. Apresentação à edição brasileira: breve panorama medieval. In LOYON, H. R. (Org) *Dicionário da Idade Média*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahare. 1997.
- OLIVEIRA, J. O. N. *Enlaces e desenlaces entre participios e gerúndios*, 2004. TESE (Doutorado em Letras e Linguística). Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia. Salvador
- ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento*. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2006
- PALMER, L. R. *The latin language*. London: Faber and Faber, 1954
- PEREIRA, T. L. G. A mudança linguística. In: PEREIRA, T. L. G.; POGGIO et al (Org) *Linguística e literatura: ensaios*. Salvador: Quarteto, 2004. p. 9-16.
- PERELMAN, C. *O império retórico: retórica e argumentação*. Trad. Fernando Trindade e Rui Alexandro Grácio. 2. ed. Porto: Asa, 1999.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, [1996] 2005.

STRECKER, K. *Intruduction a l'étude du latin medieval*. Traduite de l'allemand par Paul Van de Woestijne. 3. ed. Revue et augmentée. Lille: Giard, 1948.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 4. ed. São Paulo: Fundação Calouste-Gulbekian, 1964.

ZILLES, U. *Fé e razão no pensamento medieval*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.